

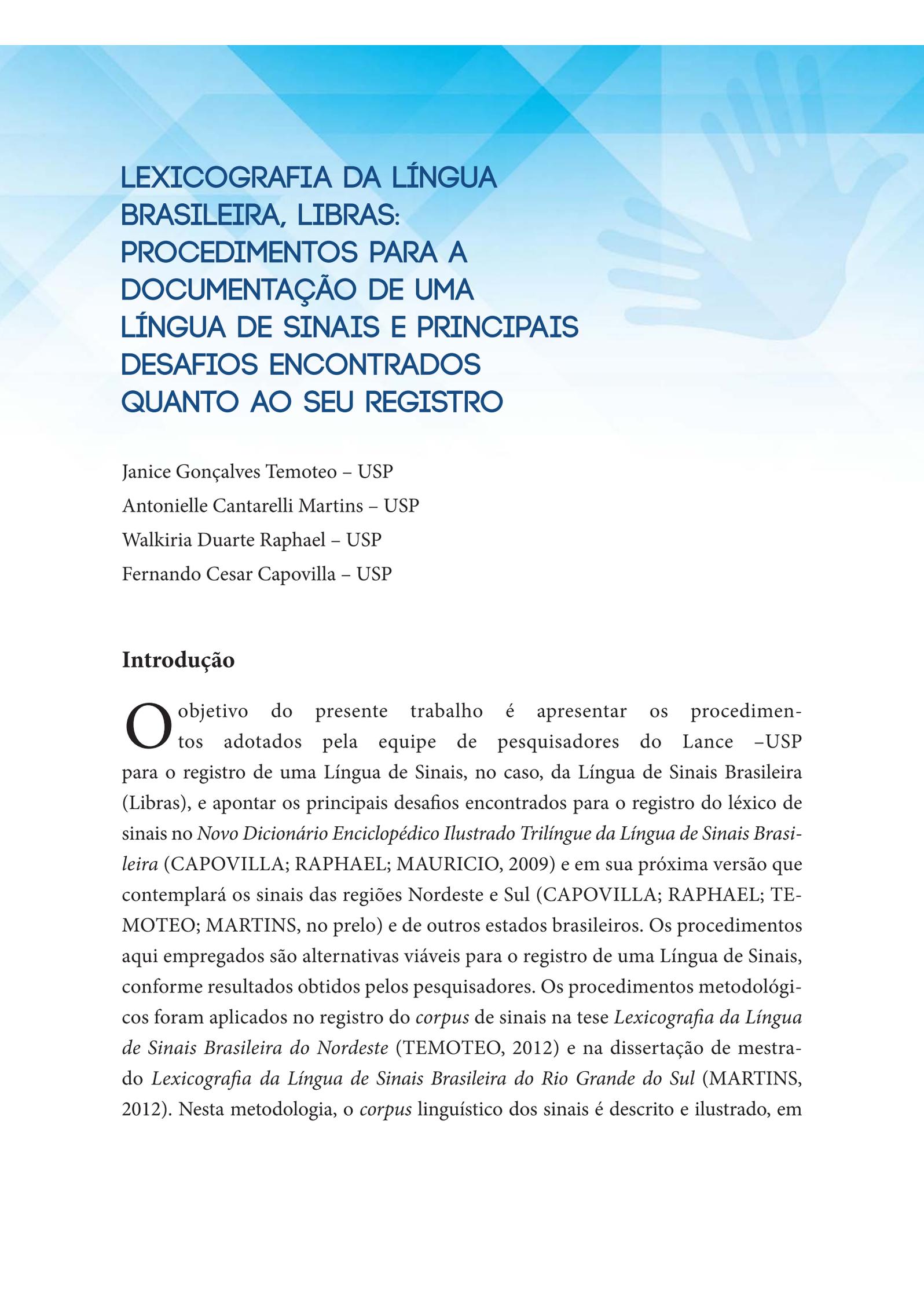
**Ivone Braga Albino**  
**José Edmilson Felipe da Silva**  
**Laralis Nunes de Sousa Oliveira**  
Organizadores



# A MUITAS MÃOS

CONTRIBUIÇÃO AOS  
ESTUDOS SURDOS

# LEXICOGRAFIA DA LÍNGUA BRASILEIRA, LIBRAS: PROCEDIMENTOS PARA A DOCUMENTAÇÃO DE UMA LÍNGUA DE SINAIS E PRINCIPAIS DESAFIOS ENCONTRADOS QUANTO AO SEU REGISTRO



Janice Gonçalves Temoteo – USP

Antonielle Cantarelli Martins – USP

Walkiria Duarte Raphael – USP

Fernando Cesar Capovilla – USP

## Introdução

O objetivo do presente trabalho é apresentar os procedimentos adotados pela equipe de pesquisadores do Lance –USP para o registro de uma Língua de Sinais, no caso, da Língua de Sinais Brasileira (Libras), e apontar os principais desafios encontrados para o registro do léxico de sinais no *Novo Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira* (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURICIO, 2009) e em sua próxima versão que contemplará os sinais das regiões Nordeste e Sul (CAPOVILLA; RAPHAEL; TEMOTEO; MARTINS, no prelo) e de outros estados brasileiros. Os procedimentos aqui empregados são alternativas viáveis para o registro de uma Língua de Sinais, conforme resultados obtidos pelos pesquisadores. Os procedimentos metodológicos foram aplicados no registro do *corpus* de sinais na tese *Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira do Nordeste* (TEMOTEO, 2012) e na dissertação de mestrado *Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira do Rio Grande do Sul* (MARTINS, 2012). Nesta metodologia, o *corpus* linguístico dos sinais é descrito e ilustrado, em

sua forma e significado, e os sinais também são validados por juízes surdos fluentes em Libras, membros da comunidade surda local. Estes procedimentos podem ser úteis como modelo para o registro de outras Línguas de Sinais, visto que seu método está detalhadamente delineado e é passível de aplicação para o registro de qualquer língua de modalidade visuoespacial. Neste método o registro de sinais é dividido em duas grandes etapas: de sinais em vídeo e de sinais impresso. O intuito deste capítulo é fornecer subsídios para auxiliar outras pesquisas quanto ao registro do léxico de uma Língua de Sinais apontando também para os principais problemas que devem ser superados.

### **Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira, Libras**

Lexicografia é uma disciplina acadêmica que consiste em compilar, escrever ou editar dicionários. Pode ser considerada uma disciplina acadêmica independente, apesar de ser um subcampo da Linguística. A Lexicografia pode ser dividida em duas áreas relacionadas: a Lexicografia Prática e a Lexicografia Teórica. O ato de escrever ou editar dicionários é conhecido como Lexicografia Prática. Já a análise ou descrição do vocabulário de uma língua específica, e do significado que liga certas palavras com outras em um dicionário, é conhecida como Lexicografia Teórica (PRYOR, 2014).

Segundo Landau (2001), a Lexicografia pode ser vista como uma arte ou um artesanato. Ainda há autores (e.g., BERGENHOLTZ; GOUWS, 2012) que questionam se a Lexicografia é ou não um subcampo da Linguística ou uma disciplina independente.

Van Schalkwyk (1996) define o termo Metalexigrafia como o componente teórico da Lexicografia, que faz um balanço entre os princípios e técnicas da prática lexicográfica e os contempla. Segundo ele, Lexicologia e Lexicografia Teórica são sinônimos de Metalexigrafia.

A Lexicografia da Língua de Sinais é uma disciplina relativamente nova e pode ser considerada um ramo da Lexicografia Geral, mas deve ser adaptada aos parâmetros de registro de uma língua visuoespacial.

A Língua de Sinais Brasileira (Libras) é a língua natural da comunidade surda brasileira e é composta por todos os níveis linguísticos das línguas orais: fonológico, morfológico, sintático e semântico (QUADROS; KARNOPP, 2004). É o meio legal de comunicação dos surdos no país desde a Lei 10.436 (BRASIL, 2002), e amplamente usado pelos surdos brasileiros.

Existem algumas tentativas de escrita da Língua de Sinais. Dentre essas, destacam-se o sistema de notação original proposto por Stokoe (1960); o *Hamburgo Notation System HamNoSys* (HANKE, 2002); o sistema de escrita de sinais *SignWriting* (SUTTON, 2014); a *Escrita das Línguas de Sinais ELiS* (ESTELITA, 2010). Porém, tais ferramentas de transcrição das Línguas de Sinais ainda estão distantes da realidade escolar da criança surda brasileira. O fato de as escritas de Línguas de Sinais serem raramente usadas acarreta mudanças na metodologia de registro lexicográfico destas línguas.

Segundo Temoteo (2012), o primeiro registro impresso de Libras que se tem conhecimento no Brasil data do século XIX, o manual do surdo Flausino Gama, cujo título é *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*, de 1875. A obra de Gama é de suma importância para a Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira, pois faz parte de sua história e é um marco da origem da língua. Desde a publicação do manual de Libras de Gama (1875), muitos outros manuais foram publicados no século XX, contudo, nenhum dicionário de Libras impresso havia sido publicado no Brasil até 2001, com a publicação do *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira – Libras* (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001).

Este capítulo trata dos procedimentos usados para a documentação da Libras e aborda os principais desafios encontrados no registro de sinais no *Novo Deit-Libras - Novo Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira* (CAPOVILLA, RAPHAEL; MAURICIO, 2009), bem como no *corpus* de sinais da tese *Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira do Nordeste* (TEMOTEO, 2012) e da dissertação de mestrado *Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira do Rio Grande do Sul* (MARTINS, 2012). Para fins didáticos esses procedimentos foram divididos em duas etapas: o registro do sinal em vídeo e o registro do sinal impresso.

A metodologia usada pela equipe do Lance – USP na coleta e registro de sinais da Libras pode servir como modelo para registrar qualquer outra Língua de Sinais, pressupondo que o pesquisador lexicógrafo seja fluente na Língua de Sinais a ser registrada e na língua da sociedade majoritária, conheça a Cultura Surda local, e domine a metodologia a ponto de saber adaptá-la à realidade social da língua pesquisada. É óbvio que esses procedimentos podem ser melhorados e aperfeiçoados com a ajuda das novas tecnologias.

### **Procedimentos usados para a documentação dos sinais e principais desafios encontrados quanto ao seu registro**

A pesquisa lexicográfica pode ser delineada de forma a gerar dois produtos finais: o registro de sinais em vídeo, e, a partir dele, o registro de sinais impresso. De maneira geral, o registro de sinais em vídeo é amplamente usado por pesquisadores da área da surdez por conseguir apreender a Língua de Sinais de forma clara, captando todos os parâmetros de uma língua visuoespacial em todas as suas dimensões. As metodologias usadas para o registro dos sinais em vídeo são diversas e variam conforme a necessidade de cada pesquisador.

O registro de sinais de uma Língua de Sinais em vídeo pode ser considerado válido ainda que não seja produzido com muito rigor científico. Esse registro pode se originar na comunidade surda e ser produzido de forma espontânea em resposta à necessidade natural de comunicação do surdo com seus pares. Prova disso são as várias iniciativas disponíveis na internet e em mídias digitais que registram a Língua de Sinais (e.g., glossários, dicionários, enciclopédias, manuais, listas de palavras) e vídeos que tratam de temas de interesse da comunidade surda. Além disso, há ainda os aplicativos para aparelho celular, como os programas automáticos de tradução Português – Libras – Português. Esses programas visam constantemente ampliar seu banco de sinais, e, a partir desse registro crescente, construir dicionários de Libras acessíveis diretamente em *smartphones* e *tablets*, por exemplo. A tecnologia, com sua primazia imagética, mudou a história da comunidade surda por estar diretamente ligada à sua melhor forma de apreensão e expressão de conhecimento, i.e., por meio visual.

O registro dos sinais em vídeo é, nessa pesquisa, um caminho para alcançar o produto final, que é o registro dos sinais impresso em papel sob a forma de dicionário. Neste caso, o *Novo Deit-Libras* (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURICIO, 2009) e outro dicionário de sinais (CAPOVILLA; RAPHAEL; TEMOTEO; MARTINS, no prelo).

Embora a forma impressa de registro de uma Língua de Sinais seja uma modalidade totalmente diferente da feita em vídeo, na presente pesquisa esse registro em vídeo é uma etapa essencial para gerar o impresso.

Ao contrário do registro em vídeo que, cada vez mais se utiliza de inovações tecnológicas, o registro de sinais impresso é feito de forma artesanal, sinal a sinal. Sua força propulsora é o trabalho manual do pesquisador e depende mais das habilidades desse pesquisador do que de tecnologias. As únicas tecnologias usadas para fazer o registro dos sinais impresso são os programas *Paint brush*, *Corel Draw* e *Word*, que, diga-se de passagem, são consideradas tecnologias ultrapassadas ao levar em conta a amplitude do projeto, e o grande número de sinais registrados. E para o registro do *SignWriting* os programas usados são o *SW-Edit* e *Corel Draw*.

A opção de fazer o registro de sinais de forma impressa, em dicionário, ao invés de apenas em vídeo, se deve a diversas razões. Em dicionários impressos, o registro do sinal oferece muito mais informações concentradas numa única entrada lexical. Todas essas informações se encontram imediatamente acessíveis, independentemente de tecnologia. Essa acessibilidade é, também, perene, diferentemente de implementações tecnológicas que logo caducam e não podem mais ser usadas. Nos dicionários impressos, cada verbete ou sinal tem sua entrada lexical independente. Em dicionários de sinais, essa entrada lexical pode ser bastante elaborada. No caso do *Deit-Libras*, o sinal de cada entrada lexical se encontra documentado de diversas formas diferentes, incluindo a ilustração da forma do sinal, a ilustração do significado do sinal, a descrição da forma do sinal, a descrição do significado do sinal, a categorização gramatical do sinal, exemplos de uso funcional do sinal, a iconicidade e etimologia e abrangência geográfica do sinal, a representação escrita do sinal em sistemas de escrita diferentes, como *SignWriting*, e assim por diante.

Diferentemente do registro de sinais em vídeo ou online, o registro impresso dos sinais permite fazer referência de um sinal, pela maleabilidade que o caráter impresso em papel permite, o que o torna um material útil ao instrutor e professor de Libras; na academia como matéria-prima para pesquisas, produção de artigos científicos, em testes de avaliações cognitivas e de instrumentos de reabilitação; entre outros.

Os procedimentos para a documentação da Libras no dicionário impresso (i.e., em CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURICIO, 2009; CAPOVILLA; RAPHAEL; TEMOTEO; MARTINS, no prelo) e o percurso transcorrido desde a *Etapa 1: Registro de sinais em vídeo* à *Etapa 2: Registro de sinais impressos* é apresentado a seguir.

### **Etapa 1: Registro de sinais em vídeo**

A coleta de sinais com a comunidade surda pode ser feita por meios variados, dentre os quais, interlocuções espontâneas com membros da comunidade surda sinalizadora; produção dos próprios vídeos sinalizados e eventual consulta a vídeos produzidos por terceiros; e consulta a apostilas de Libras usadas pela comunidade surda. Todos esses meios foram usados para a construção do *corpus* de sinais do *Novo Deit-Libras* (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURICIO, 2009) e do novo dicionário em preparação, (CAPOVILLA; RAPHAEL; TEMOTEO; MARTINS, no prelo), bem como da tese (TEMOTEO, 2012) e da dissertação (MARTINS, 2012) que documentam os sinais da Libras do Nordeste e do Sul, respectivamente. Entretanto, a forma mais usada, especificamente na coleta dos sinais no Nordeste e Sul do país foi o registro de sinais em vídeo.

O registro de sinais em vídeo é relativamente simples e é apresentado em três passos:

Passo 1: Elaboração de materiais para o registro de sinais em vídeo;

Passo 2: Eliciação dos sinais por meio dos materiais elaborados;

Passo 3: O registro de sinais em vídeo.

### *Passo 1: Elaboração de materiais para o registro de sinais em vídeo*

Nesta etapa são elaboradas listas de palavras simples e listas de palavras com ilustrações. Essas listas são elaboradas anteriormente à coleta e preparadas considerando o estado ou região cujos sinais serão documentados, bem como a área específica de conhecimento do surdo que foi selecionado para ser informante dos sinais da Libras. As listas de palavras (com ou sem ilustração) servem para eliciar os sinais durante a coleta.

Por ser uma pesquisa de âmbito nacional há listas de palavras de temas comuns a todos os estados (e.g., alimentos, animais, casa, cores, família, educação, tempo). Por ser uma pesquisa sensível a diferenças regionais, há listas de temas específicos, que podem ser relacionadas diretamente a características do estado a ser coletado (e.g., artes, cultura, comidas típicas, política, turismo, religiosidade). Por ser uma pesquisa sensível às áreas de interesse, formação e atividade dos mais variados membros da comunidade surda sinalizadora, há listas de palavras elaboradas de acordo com a área de formação do surdo (e.g., Biologia, Eletrônica, Geografia, História, Psicologia, Saúde, Teologia).

Nas listas de palavras ilustradas, as palavras vêm acompanhadas de suas respectivas figuras. O objetivo do oferecimento de figuras juntamente com as palavras é facilitar a eliciação dos sinais, reduzir a dependência do nível de domínio do Português pelo informante surdo, e permitir uma maior precisão denotativa do conceito cujo sinal se busca. As ilustrações permitem ao surdo fazer o resgate direto dos sinais correspondentes aos conceitos ilustrados. Esse tipo de lista torna a coleta mais rápida e reduz a necessidade de mediação ou interferência direta do pesquisador. Para fazer esta lista é preciso encontrar ilustrações suficientemente icônicas para remeter a um único significado, caso contrário, não é indicado o seu uso, especialmente nos casos de palavras regionais e de sentido abstrato. Há diversos sites de ilustrações de domínio público que podem ser usadas.

### *Passo 2: Eliciação dos sinais por meio dos materiais elaborados*

As listas de palavras (com ou sem ilustração) servem para eliciar os sinais durante a coleta. Elas consistem na base para o início da coleta. Não são, contudo, um instrumento fechado e inalterado. Assim, a partir das listas e do diálogo com os surdos das comunidades pesquisadas, outros sinais podem ser inseridos ou retirados delas. As listas de palavras servem de norte para as coletas dos sinais, mas é no contato com o surdo que eles surgem, no momento da coleta, na conversa informal e em interlocuções espontâneas.

As listas devem ser elaboradas explorando exaustivamente cada tema. Durante a pesquisa, os próprios surdos indicam outros sinais do mesmo contexto. Este normalmente é um processo natural e os novos sinais indicados podem passar a fazer parte da lista de palavras de sinais coletados.

No processo de eliciação dos sinais deve haver uma preocupação por parte do pesquisador em se manter neutro, tanto quanto possível. Mas, é fato que, com as listas de palavras sem ilustração, sempre que o surdo não compreende bem o Português ou fica com alguma dúvida, o contato sinalizado torna-se praticamente inevitável. Assim, todos os cuidados devem ser tomados para que essa influência durante a coleta de um sinal seja reduzida, visto que a subjetividade do lexicógrafo sempre é presente no registro de uma língua.

### *Passo 3: O registro de sinais em vídeo*

O registro de sinais em vídeo é a última etapa da coleta com os surdos. As listas são previamente estudadas com os surdos, palavra a palavra, para que eles possam escolher o sinal correspondente a ser emitido durante a filmagem. Geralmente as coletas são feitas com outros surdos da comunidade que participam da discussão dos sinais. Assim, ao término desse processo de seleção dos sinais as listas são reorganizadas e filmadas.

Para a realização da filmagem o ambiente deve ser iluminado e com fundo de cor neutra. O surdo articula os sinais conforme a ordem dos verbetes da lista. Simultaneamente à articulação do sinal pelo surdo, o pesquisador vocaliza a palavra

correspondente ao verbete para que vídeo e o áudio sejam gravados simultaneamente. Isso facilita o trabalho de identificação precisa do sinal durante a edição final do vídeo. Sempre que necessário, o contexto de uso de um sinal também é registrado em vídeo para evitar erros no momento do registro impresso. Os sinais são gravados em DVD acompanhados de legenda em Português e os vídeos são subdivididos em um *menu* por categoria ou conforme a filmagem com os surdos.

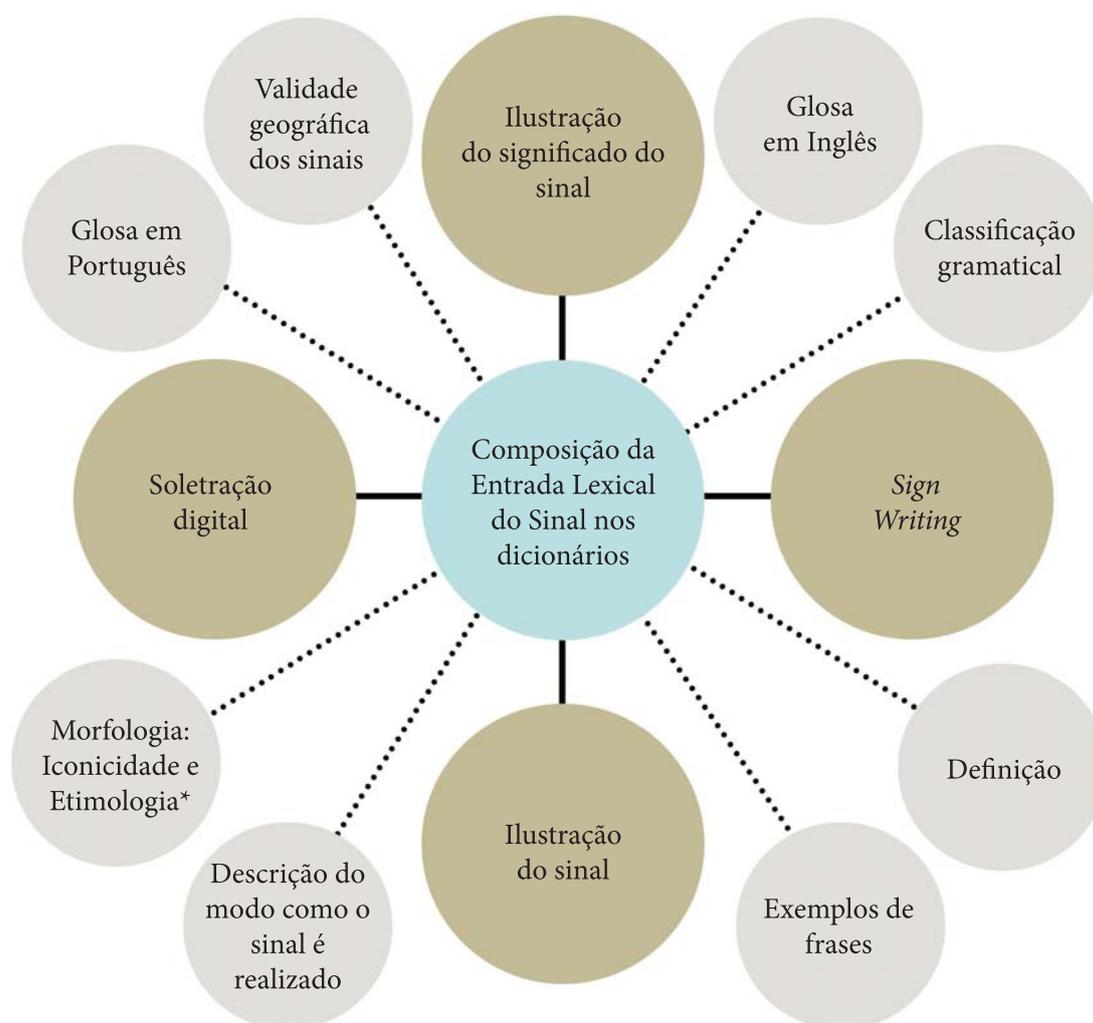
Com os sinais registrados em vídeo concluídos, os DVDs são encaminhados para comunidade surda local que, então, avalia os sinais. Essa avaliação é de extrema importância, visto que os sinais informados como errados ou que não são de uso comum entre os surdos da região são automaticamente excluídos. Apenas os reconhecidos como aceitos pela comunidade surda local são registrados no dicionário.

No caso das pesquisas em que o produto final é apenas o registro de sinais em forma de vídeo, essa avaliação deve acontecer anteriormente à produção final da mídia para a divulgação. Do contrário, um novo vídeo terá de ser produzido apenas com os sinais previamente aprovados. Com isso, esses vídeos finalmente poderão ser disponibilizados na internet e em mídias digitais que registram a Língua de Sinais (e.g., glossários, dicionários, enciclopédias, manuais, listas de palavras).

## **Etapa 2: Registro de sinais impressos**

Para uma melhor compreensão de como um sinal deve ser registrado na forma impressa partindo da forma em vídeo, se faz necessário, primeiramente, conhecer a estrutura da entrada lexical do sinal no dicionário. No presente caso a entrada lexical do *Novo Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira* (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURICIO, 2009); e do novo dicionário em preparação (CAPOVILLA; RAPHAEL; TEMOTEO; MARTINS, no prelo). Nesses dicionários, essa entrada lexical é composta de doze partes, como mostrado na Figura 1.

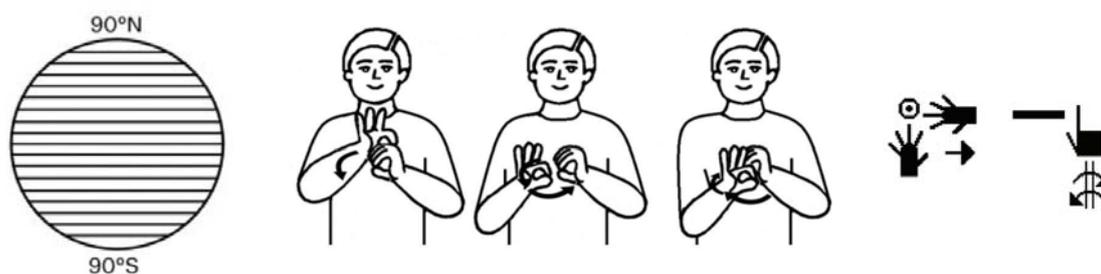
**Figura 1** – Os 12 itens que compõem cada entrada lexical do *Novo Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira* (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURICIO, 2009); e do novo dicionário em preparação (CAPOVILLA; RAPHAEL; TEMOTEO; MARTINS, no prelo). Os círculos em destaque correspondem aos elementos gráficos que compõem cada entrada lexical do dicionário de sinais da Libras. Os círculos em branco correspondem aos elementos escritos alfabeticamente em Português. \*A Morfologia de um sinal no dicionário é subdividida em Iconicidade e Etimologia, mas não são todos os sinais que têm a morfologia descrita e, quando ela aparece, se encontra inserida no final do verbete.



Fonte: Arquivo pessoal

A Ilustração 1 apresenta um exemplo de entrada lexical de sinal, no caso, a do sinal *Latitude* (TEMOTEO, 2012; MARTINS, 2012), tal como apresentado no *Novo Deit-Libras* (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURICIO, 2009). É com base nessa estrutura que o novo dicionário no prelo (CAPOVILLA; RAPHAEL; TEMOTEO; MARTINS, no prelo) é organizado.

**Ilustração 1** – Sinal Latitude



Latitude (sinal usado em: CE, RS) (*Inglês: latitude; breadth*): s. f. Distância do equador a um lugar da Terra, quer no hemisfério norte (latitude norte), quer no hemisfério sul (latitude sul), medida em graus sobre o meridiano desse lugar. Ex.: A latitude da cidade de Aracaju é 10° 54' 40". (Mão esquerda em O, palma para a direita; mão direita aberta, palma para frente, ponta dos dedos indicador e polegar unidas. Mão direita atrás da mão esquerda. Mover a mão direita em arcos horizontais para frente ao redor da mão esquerda em O, várias vezes).

Fonte: TEMOTEO, 2012; MARTINS, 2012

## **Procedimentos para a documentação de uma Língua de Sinais e principais desafios encontrados quanto ao seu registro de forma impressa**

A Língua de Sinais se dá na modalidade visuoespacial. Fazer o registro de uma língua assim de forma impressa não é tarefa fácil. Esse processo suscita muitas questões-problema. Como fazer com que uma língua visuoespacial seja representada no papel de forma a retratar com fidelidade um sinal? Para ilustrar a forma de um sinal devo usar mais de uma ilustração? Qual é o verbete do Português que melhor identifica o sinal? Para registrar uma Língua de Sinais em forma impressa as dificuldades são ainda maiores, mas não insuperáveis.

Cada sinal a ser registrado é um novo desafio e todos os dias a equipe do Lance – USP busca responder a cada uma destas questões. Com base nos itens que compõem a entrada lexical do sinal no dicionário (Figura 1), os principais desafios encontrados para preencher esses itens todos são listados brevemente a seguir.

- *Ilustração do significado do sinal,*  
*ilustração da forma do sinal e SignWriting*

A ilustração do significado do sinal tem como objetivo auxiliar o surdo que não é alfabetizado a apreender diretamente o significado do sinal daquela entrada lexical. A maior dificuldade é encontrar uma ilustração apropriada que represente de maneira icônica e imediatamente reconhecível o significado do sinal – o que nem sempre é possível por toda a sua complexidade conceitual. Por isso, uma das soluções para suprir essa lacuna é inserir de uma a cinco ilustrações no verbete na tentativa de aproximar os significados das ilustrações com o sinal.

A ilustração da forma do sinal é uma das partes mais importantes da entrada lexical e requer mais atenção. Os sinais são desenhados em estágios e acompanhados de setas para dar a noção do tipo de movimento envolvido, bem como de sua forma e frequência. O objetivo é permitir uma representação tão clara quanto necessário para permitir ao consulente reproduzir a articulação do sinal a partir da observação do boneco. A maioria dos sinais possui movimento e encontrar a posição ideal para representar claramente esse movimento por meio dos bonecos é a parte mais difícil. Para evitar dúvidas quanto ao tipo e à frequência dos movimentos dos sinais, a ilustração é acompanhada, na entrada lexical, de uma descrição minuciosa do modo como o sinal é articulado. Esse recurso auxilia nos casos em que as ilustrações dos sinais nos bonecos não são suficientemente claras para o leitor. Outro recurso que auxilia na elucidação do movimento de um sinal é a escrita visual direta dos sinais, o *SignWriting*.

O *SignWriting* (SW), ou escrita visual direta dos sinais, é um método de transcrição direta dos sinais criado por Valerie Sutton. É mais um auxílio para desambiguar o sinal nos casos em que a ilustração da forma não for clara. Há no dicio-



### - *Glosa em Português, Contexto e Classificação gramatical*

Escolher uma glosa ou um verbete em Português para identificar um sinal requer do lexicógrafo habilidades linguísticas. Qual a melhor palavra ou expressão em Português para traduzir um sinal da Libras? Nem sempre é possível encontrar a correspondência um para um, entre sinal e palavra, para o registro. Há casos em que um sinal requer o uso de duas ou mais palavras em Português para designá-lo. Por exemplo, os sinais “Estou na minha!” e “Não tem graça!”. Mas há casos de sinais compostos por diversos estágios de sinalização e que, apesar disso, são designados por apenas uma só palavra em Português. Por exemplo, o sinal “Madrasta”. Apesar de elaborado em estágios em Libras, uma só palavra do Português é suficiente para transmitir seu sentido. Não há uma regra a ser seguida, por isso a importância do domínio da língua por parte do pesquisador, a ponto deste saber em quais contextos aquele sinal é usado e qual o melhor modo para o seu registro.

Diferentemente de manuais de sinais, nos quais os sinais são organizados em campos semânticos, no dicionário de sinais, são organizados de modo alfabético. Ou seja, as entradas lexicais são ordenadas conforme a ordem alfabética (de A a Z) dos verbetes correspondentes aos sinais em Português. Como essa ordenação alfabética quebra o contexto semântico natural de manuais, faz-se necessário desambiguar o significado preciso do sinal ilustrado por meio do oferecimento de informações adicionais. No dicionário essas informações adicionais que dão o contexto a que se refere o sinal são fornecidas entre parênteses. Esse esforço de desambiguação por parte dos autores para superar a falta de contexto devido à ordenação alfabética facilita a compreensão por parte do consulente que, de outro modo, sofreria devido à mesma falta de contexto devido à ordenação alfabética.

### - *Definição e exemplos de frases*

Uma das maiores dificuldades em fazer a definição dos sinais é o fato de que muitas expressões usadas em Libras não possuem uma exata correspondência com as definições em Português. Por isso, nem sempre uma definição de um dicionário

de Português serve de base para definir um sinal ou expressão de Libras. Nessas situações é preciso criar uma definição que traduza o sentido do sinal da Libras.

O mesmo acontece com os exemplos de frases que precisam ter uma ligação direta com o uso do sinal em Libras e devem obedecer a classificação gramatical indicada logo após a glosa em Português.

## Conclusões

A elaboração de um dicionário é uma tarefa árdua e exige disciplina de trabalho e rigor científico, pois a composição de cada sinal é individualizada e artesanal, literalmente feita à mão, e requer habilidades por parte do lexicógrafo, dentre as quais uma apurada sensibilidade para fazer o registro apropriado do sinal. Em todas as fases da pesquisa lexicográfica há dificuldades a serem superadas e, no registro de uma Língua de Sinais, o risco de cometer erros é ainda maior devido à modalidade visuoespacial da língua. Fazer um dicionário impresso e que represente os sinais de todo o país é um trabalho que depende mais do conhecimento da língua pelo pesquisador do que das tecnologias. Tudo tem de estar claro no papel, tendo o cuidado de registrar cada sinal com todos os componentes da entrada lexical.

Os passos aqui mostrados que são usados para o registro de sinais da Libras no dicionário podem servir de modelo para que outros lexicógrafos empreendam seu próprio registro de Língua de Sinais. O propósito de comentar as dificuldades envolvidas nesse trabalho é o de preparar esses futuros lexicógrafos para melhor enfrentar essas dificuldades. E, com isso, contribuir para que mais e melhores pesquisas lexicográficas venham a ser conduzidas, e mais soluções inovações venham a ser descobertas para uma documentação lexicográfica cada vez mais compreensiva, válida e precisa.

O *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira* (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001) e o *Novo Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira* (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURICIO, 2009) são dicionários de referência no país, assim como deverá ser também o novo dicionário em preparação (CAPOVILLA; RAPHAEL; TEMOTEO; MARTINS, em

preparação). Compartilhar os métodos de trabalho para a sua elaboração é uma forma de incentivar o surgimento de novas pesquisas na área de Lexicografia da Libras, e de assegurar que essas pesquisas sejam conduzidas com métodos ainda mais aperfeiçoados do que aqueles que vêm sendo experimentalmente construídos na área ao longo de quase duas décadas no Lance – USP.

## Referências

BERGENHOLTZ, H.; GOUWS, R. H. What is lexicography? *Lexikos*, 22, p. 31-42, 2012 (AFRILEX-reeks/series).

BRASIL. Presidência da República. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o artigo 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm)>. Acesso em: 28 ago. 2014.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira – Libras*. v. I: Sinais de A a L e v. II: sinais de M a Z. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. L. *Novo Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. São Paulo: Edusp, 2009.

ESTELITA, M. ELIS – Escrita das Línguas de Sinais: Sua aprendizagem. Palhoça – SC: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Mariangela%20Estelita.pdf>

HANKE, T. HamNoSys in a sign language generation context. In: SCHULMEISTER, R.; REINITZER, H. (Ed.), *Progress in sign language research: in honor of Siegmund Prillwitz*. Hamburg: Signum Press, 2002. p. 249-266.

LANDAU, S. I. *Dictionaries: The art and craft of lexicography*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

MARTINS, A. C. *Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira do Sul*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras). – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

PRYOR, D. What is lexicography? In: O. WALLACE (Ed.), *WiseGEEK: Clear answers for common questions*, 2014. Disponível em: <<http://www.wisegeek.com/what-is-lexicography.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

QUADROS, R.; KARNOPP, L. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

STOKOE, W. *Sign language structure*. Silver Spring: Linstok Press, 1960.

SUTTON, V. *Lessons in SignWriting*. ISBN: 978-0-914336-55-6, 2014, 4ª edição. Disponível em: <http://www.valeriesutton.org/>

TEMOTEO, J. G. *Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira do Nordeste*. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental da Linguagem.). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

VAN SCHALKWYK, D. J. *Woordeboek van die Afrikaanse Taal*. v. X. Stellenbosch: Bureau of the WAT, 1996.